

Trópicos sensuais: a construção do Brasil como geografia desejada

*Sensual tropics:
the making of Brazil as desired geography*

Octávio Sacramento

*Assistente, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Mestre em Sociologia
octavsac@utad.pt*

Fernando Bessa Ribeiro

*Professor Auxiliar, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Doutor em Ciências Sociais
fbessa@utad.pt*

13

Resumo

O texto debate a genealogia de uma noção do Brasil que, directa ou indirectamente, remete para o exotismo e a sensualidade, suscitando determinadas formas de imaginação e desejo à escala internacional. Para tal, são considerados os discursos coloniais e pós-coloniais (religiosos, historiográficos, etnográficos, literários), com base nos quais a mestiçagem e a carga sexual a ela associada emergem como expressões maiores da fundação da nacionalidade. Na análise desses discursos, é prestada particular atenção à figura da *mulata* enquanto ícone global da brasilidade e imagem central no processo de invenção do Brasil turístico.

Palavras-chave: Discursos coloniais/pós-coloniais. Mestiçagem. “Raça”. Sexualidade. Turismo. Brasilidade.

Abstract

The text discusses the genealogy of a Brazil's notion that, directly or indirectly, refers to exoticism and sensuality, leading to certain forms of imagination and desire on an international scale. To this are considered the colonial and post-colonial discourses (religious, historiographic, ethnographic, literary) in which miscegenation and the associated sexual charge are identified as major expressions of the nationality founding process. In the analysis of these discourses is given particular attention to the figure of *mulata*, as a global icon of Brazility and central image in the touristic Brazil invention.

Keywords: Colonial/postcolonial discourses. Miscegenation. “Race”. Sexuality. Tourism. Brazility.

Introdução

A mobilidade transnacional de pessoas para determinados sítios, que elas projectam como destinos desejados para turismo, para migrar ou simplesmente para encontrar um/a companheiro/a, inscreve-se em plataformas de subjectividade fundadas cada vez mais em imagens e discursos que fluem no espaço mediático global. Este proporciona muitas das coordenadas que nos permitem, mesmo sem um conhecimento presencial, elaborar uma cartografia subjectiva dos lugares no mundo, na qual lhes atribuímos valorações específicas e criamos sobre eles expectativas e desejos diferenciados. Essas coordenadas de construção identitária obedecem a uma determinada genealogia. No caso concreto do espaço transnacional Europa-Brasil, elas transportam consigo as marcas de um passado conjunto entre os dois lados do Atlântico e, muito antes da sua mediatização, já constavam de discursos religiosos, documentos oficiais, narrativas de viagem, manifestações literárias e etnografias. Dessas fontes, despontaram muitas das imagens que hoje sustentam formas de imaginação e desejo passionais presentes nos fluxos turísticos masculinos da Europa para o nordeste do Brasil.

Considerando que essas formas encontram suas origens nos primórdios da colonização portuguesa do Brasil, o artigo começa por proceder a uma análise histórica desse processo, convocando ao texto as impressões e críticas, nomeadamente coevas. Mais do que um fenómeno recente, a história permite revelar que as formas de imaginação e desejo sexuais são constitutivas da própria construção social e política da sexualidade no Brasil. Nesse quadro, ainda que com distintos olhares e posições, ora favoráveis, ora de viva oposição, a mestiçagem, enquanto elemento central das marcas “raciais” distintivas da sociedade brasileira, ocupa também um lugar relevante na sexualidade (e na nossa discussão acerca da geografia desejada), a partir do qual emerge, aos olhos dos brasileiros e dos estrangeiros, um tipo particular de mulher, a mulata sensual de que nos fala Corrêa (1996). Por fim, o texto procura discutir o modo como o Brasil, enquanto espaço hiper-sexualizado e destino erótico de muitos europeus, sobretudo homens heterossexuais, se globalizou. Mais do que responder a uma questão, é nossa intenção mostrar como essa geografia do desejo se construiu, por acção da história, da literatura e, claro, das paixões e fantasias de homens e mulheres.

Recorrendo ao texto já produzido para uma tese de doutoramento por parte do primeiro autor¹, este artigo retoma, em parte, a discussão travada pelos autores em artigo recente (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2009).

Descobrimo uma terra de vícios: colonialismo e política de alteridade

De forma a mostrar a dimensão relacional/transnacional e a natureza política do processo de fabricação cultural das imagens associadas à brasilidade, impõe-se, desde logo, uma breve arqueologia das relações entre os dois lados do Atlântico que retroceda à época colonial. É sobretudo a partir do séc. XVIII que podemos situar cronologicamente a génese de discursos estruturados em torno de categorias como “raça” e sexualidade, produzidos na Europa como (mais uma) forma de imposição do poder colonial. Partindo da concepção foucaultiana da sexualidade enquanto ponto denso de transferência do poder, dotado de grande instrumentalidade, Stoler (1995) mostra-nos como o imperialismo das potências europeias dos séculos XVIII e XIX tem subjacente uma política da identidade (de colonização de mentes e de corpos), em que se destacam formas discursivas de produção da diferença alicerçadas em parâmetros morais de pureza racial e virtude sexual. No seu entender, os discursos sobre sexualidade que fluíam nos circuitos dos impérios coloniais, além de expressarem a distintividade identitária das elites europeias, contribuíam decisivamente para a emergência de significativos eixos de alteridade e a constituição de profundas diferenciações identitárias entre colonizadores e colonizados:

[...] discourses of sexuality at once classified colonial subjects into distinct human kinds, while policing the domestic recesses of imperial rule. [...] Discourses of sexuality do more than define the distinctions of the bourgeois self; in identifying marginal members of the body politic, they have mapped the moral parameters of European Nations. [...] These discourses do more than prescribe suitable behavior, they locate how fundamentally bourgeois identity has been tied to notions of being “European” and being “white” and how sexual prescriptions served to secure and delineate the authentic, first-class citizens of the nation-state (STOLER, 1995, p. 4, 8, 11).

Os nativos coloniais eram idealizados como uma espécie de antítese moral do que seria o perfil civilizacional europeu. Nesse processo de construção

¹ Com base numa pesquisa sobre transnacionalização da intimidade entre homens europeus e mulheres brasileiras, apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT-Portugal) através da bolsa de doutoramento SFRH/BD/60862/2009. O trabalho de campo, embora realizado de forma multi-situada nos dois lados do Atlântico, teve como contexto etnográfico de referência o bairro de Ponta Negra (Natal-RN). Conquanto esta pesquisa seja totalmente autónoma, ela encontra as suas raízes numa outra, iniciada em 2005, sobre turismo e circulação de pessoas entre a Europa e o Nordeste brasileiro, na qual estiveram envolvidos, em diferentes momentos e contextos, os autores do presente artigo. Dela, resultaram já diversas comunicações e artigos, nomeadamente Ribeiro e Sacramento (2006, 2008, 2009).

essencializada da diferença por via de noções estereotipadas (BHABHA, 1994), a sexualidade assumiu-se sempre como um eixo de referência central. Os discursos de censura moral dos hábitos sexuais das comunidades colonizadas contribuíram para tornar mais vincado, desde logo para a própria Europa, um amplo sistema de valores considerado marca de civilidade. Esse eurocentrismo ganhou forma através de um esquema relacional de significação (FANON, 1989) gerador de identidade(s) para os dois lados das formações imperiais: colónia e metrópole.

Os relatos de viajantes e, acima de tudo, de missionários forneceram as primeiras grandes coordenadas para o processo de criação de uma identidade exótica dos territórios e comunidades que iam sendo subjugadas, representando uma forma de ordenamento simbólico e social dos impérios das grandes potências europeias. No caso concreto do Brasil, as descrições dos primeiros jesuítas que ali chegaram em meados do século XVI falam claramente de um Brasil sensual, carnal e cheio de pecados. Abordando os contactos iniciais com as comunidades indígenas e a questão do corpo na correspondência que os missionários da primeira evangelização enviaram para os seus superiores na Europa, Hoornaert (1993) deixa antever como nesses relatos se constroem imagens fortemente sexualizadas do Brasil: o padre Manoel da Nóbrega, líder da primeira missão da Companhia de Jesus, chegado ao Brasil em 1549, destaca como os “bestiais costumes” com que se depara acabam por corromper os portugueses, que, reiteradamente, afirmam a heresia de que ali o “vício da carne” não é pecado; o padre José de Anchieta fala de um povo dominado pelo “espírito da fornicção”, em que as mulheres andam nuas e não se negam aos homens, principalmente aos europeus, com quem consideram uma honra dormir; o irmão António Blázquez fala de uma terra perdida em vícios que não terá igual em todo o mundo.

As especificidades culturais das comunidades indígenas na relação com o corpo e a sexualidade, a inevitável miscigenação sexual dos colonos portugueses² e a inexistência de espaços eróticos e sexuais verdadeiramente privados – o que facilitava um conhecimento público generalizado da vida íntima de cada qual – constituem, de acordo com Vainfas (1988, 1997), os principais factores subjacentes à emergência da visão do Brasil como “trópico de todos os pecados”. A ideia cristã do pecado, apesar do trabalho doutrinário e da coerção das *visitações* inquisitórias, encontrou grandes resistências para se

² Para Freyre (2006), o facto de os fluxos migratórios de Portugal para a colónia, sobretudo num período mais inicial, integrarem praticamente só homens explica a inevitabilidade da miscigenação enquanto marco inaugural de fundação da nação. Procurando mostrar a sua generalização entre os colonizadores (responsáveis pela introdução da sífilis a partir da Europa), as comunidades ameríndias e, mais tarde, as populações africanas escravizadas, refere que o Brasil “[...] parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado” (FREYRE, 2006, p. 110).

enraizar socialmente e foi sendo incorporada e adaptada de forma muito própria pelas comunidades ameríndias e pelos colonos portugueses. As primeiras estavam desprovidas de uma cultura do pecado e da culpa associada à sexualidade. Os segundos, impregnados de um eurocentrismo racialista e movidos pelo interesse erótico e material nas mulheres locais³, em contramão aos discursos disciplinadores dos clérigos da Igreja católica, tendiam a considerar como verdadeira ofensa a Deus apenas a transgressão sexual cometida com brancas (as europeias), não havendo lugar para pecado quando se tratava de indígenas ou negras (VAINFAS, 1988). É nesse jogo de forças entre as tentativas de imposição dos preceitos cristãos e as práticas sexuais locais isentas de amarras morais e os desejos eróticos e ímpetos de povoamento do colonizador que emerge uma cultura sexual marcada pela ambiguidade. No entender de Rennes, “se hoje somos [os brasileiros] contraditórios em relação às práticas sexuais – e somos, há sempre um diabinho de um lado que diz 'faça' e um anjinho do outro lado que diz 'não faça' –, isso deve-se à forma como se deu a construção da nossa cultura sexual” (GIRALDI, 2010, p. 31).

Celebrando a mestiçagem

Após as descrições dos primeiros missionários, as representações sexualizadas e as ideias de licenciosidade sobre o Brasil, quase sempre associadas a determinados imaginários de “raça” e de celebração da mistura racial, vão emergindo como “*mitos de origem*” (PARKER, 1991, p. 7-29). Ganham forma e projecção em documentos oficiais do império, em relatos históricos, em crônicas dos costumes, na historiografia das representações mentais, na literatura e em alguns trabalhos etnográficos. Procurando justificar a existência nos trópicos de manifestações eróticas e sexuais inimagináveis para o contexto europeu, van Barle (Barlaeus), no seu relato de 1647 sobre a presença holandesa em terras brasileiras, destaca que na Europa se crê que “não existe pecado a sul do equador”⁴. [...] Como se a linha que divide o mundo

³ Cabe aqui lembrar, novamente, as palavras de Freyre (2006, p. 399): “Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias. [...] Dentro de semelhante atmosfera moral, criada pelo interesse econômico dos senhores, como esperar que a escravidão – fosse escravo mouro, negro, índio ou malaio – atuasse senão no sentido da dissolução, da libidinagem, da luxúria? O que se queria era que os ventres das mulheres gerassem. Que as negras produzissem moleques”.

⁴ Desde então, esse aforismo tem vindo a ser reproduzido amiúde na cultura brasileira. Um exemplo actual é a canção *Não existe pecado ao sul do equador*, escrita por Chico Buarque e popularizada pela voz de Ney Mato Grosso. A sua letra remete para o paradoxo primordial (pecar onde não existe pecado) da sexualidade no Brasil: “Não existe pecado do lado de baixo do equador. Vamos fazer um pecado rasgado, suado, a todo vapor. Me deixa ser teu escracho, capacho, teu cacho; um riacho de amor. Quando é lição de esculacho, olha aí, sai de baixo, que eu sou professor”.

em dois hemisférios também separasse a virtude do vício” (BUARQUE DE HOLANDA, 1990, p. 212). Na literatura, a luxúria tropical, irresistível para os homens vindos de uma Europa puritana, assume-se como elemento central das “ficções de fundação” (SOMMER, 2004) da identidade brasileira. Obras literárias como *Iracema*, publicada por José de Alencar em 1865 (ALENCAR, 1997), ou *O cortiço*, escrita por Aluísio Azevedo em 1890 (AZEVEDO, 1997), são dois bons exemplos de “narrativas de miscigenação” em que a gênese da brasilidade é retratada como resultado da cedência erótica do europeu à volúpia feminina dos trópicos (MARTINS, 2010). Nelas, pares amorosos lusotropicals como Martim e Iracema, no romance de José de Alencar, e Jerônimo e Rita Baiana, no de Aluísio Azevedo, corporizam a carnalidade e a alteridade assimétrica racializada que estiveram na origem da fecundação híbrida do Brasil e da sua constituição, no imaginário e no quotidiano, como “terra de mestiçagens” (SOUSA FILHO, 2011).

Passando da literatura para o campo da etnografia e do relato histórico, encontramos semelhantes concepções em torno da constituição da identidade brasileira e da carga erótico-racial que ela encerra. Entre outros, bastará, certamente, ler as reflexões optimistas de Bonfim (1993), elogiando as virtudes da mestiçagem e criticando a ideia de superioridade das alegadas raças puras; as considerações de Prado (1997, p. 76) sobre as obsessões da luxúria e da cobiça num Brasil que considera ser “terra de todos os vícios e de todos os crimes”; as descrições de Freyre (2006) sobre os europeus rodeados de índias nuas mal desciam dos seus barcos e sobre o erotismo patriarcal desbragado nos engenhos açucareiros; a análise de Buarque de Holanda (1990) a respeito do aventureirismo e da emotividade dos portugueses, bem como da sua predisposição para a miscigenação devido ao que considerava ser a ausência de um orgulho de raça. Tal como na literatura, também aqui se produzem discursos sobre a fundação do Brasil que constituem aquilo a que se referem, projectando elementos identitários que ajudam a consolidar a ideia de nação e a sua identidade. Em praticamente todos eles, a mestiçagem e a expansividade sexual que ela implicou são identificadas e celebradas como expressões maiores do processo fundador, e a sua figura paradigmática (no feminino), a mulata, apresentada como um dos grandes ícones da brasilidade.

Num texto sugestivamente intitulado *Sobre a invenção da mulata*, Corrêa (1996) mostra como essa imagem de feminilidade, qualificada como *cheirosa, gostosa, bonita e graciosa, dengosa e sensual, desejável*, emerge nas letras brasileiras da primeira metade do século XX e, graças à comunicação social de massas, incorpora-se no *corpus* identitário da nação: “[...] na prosa e

na poesia, no universo do Carnaval (ou do samba), através do rádio, do teatro rebolado e da televisão, a mulata, assim construída como um objeto de desejo, tornou-se um símbolo nacional” (CORRÊA, 1996, p. 39-40). Enquanto elemento da identidade nacional que evoca uma sensualidade desejável, ela constitui a principal referência de uma feminilidade brasileira sexualizada e “marcada pela 'cor'” (PISCITTELI, 2007a, p. 18), à qual, paradoxalmente, nem sempre é reconhecido cabimento social. Nesse sentido, Kempadoo (2004, p. 38) destaca que, desde a escravatura, a mulata corporiza o símbolo da prostituta: “the sexually available, yet socially despised body; the eroticized Other; the trope of the exotic”. A sua situação social ambígua e liminal estará inscrita na própria etimologia do termo, que deriva de mula, um animal híbrido e sem capacidade reprodutora (DAMATTA, 1984).

À semelhança do Caribe (KEMPADOO, 2004), do sudeste Asiático e Pacífico (STOLER, 1995; MANDERSON; JOLLY, 1997) e da generalidade das áreas de colonização europeia, as imagens do Brasil como feminino, sensual e exótico, ainda que produzidas no quadro de manifestações culturais nacionais, têm a sua génese, como já se disse, nos discursos raciais de um *outro* fetiche, exótico e subordinado, produzidos pelas elites culturais da Europa a partir do século XVIII (LECLERC, 1973; SAID, 2004; STOLER, 1995; BISHOP; ROBINSON, 1998) e, mais tarde, nos EUA (EDWARDS, 2001). Muitos dos conteúdos dessa tradição discursiva de exotização, ou seja, de romantismo e atracção pela diferença racial, étnica ou cultural (KEMPADOO, 2004), ainda hoje são replicados na construção das representações do *outro*, como nos mostram Bishop e Robinson (1998) a respeito do contexto do chamado turismo sexual na Tailândia. De igual modo, Vale de Almeida (2000, p. 2), referindo-se ao caso concreto da lusofonia, que apelida de “*remake* neo-colonial sem colónias”, destaca a sua persistência no pós-colonialismo. As suas duas grandes funcionalidades seriam, no entender de Rousseau e Porter (1990, p. 6-7): “Labelling the anthropological Other as exotic legitimated treating the peoples of the 'third world' as fit to be despised [...] while concurrently also constituting them as projections of Western fantasies”.

Internacionalização da brasilidade como sensualidade

Dois dos resultados mais evidentes da colonização simbólica do Brasil – projecção eurocêntrica dos desejos próprios no *outro* –, iniciada com a expansão europeia ultramarina, têm sido (*i*) a instauração de uma colonização do ser e do saber que condicionou, e, em muitos casos, ainda condiciona, a

formação de identidades e conhecimentos locais (MIGNOLO, 2000)⁵; (ii) a intensa sexualização, entrecruzada com certas concepções de “raça” e de género, de determinadas áreas geográficas – geralmente tropicais; os “porno-tropicais” do imaginário europeu de que fala McClintock (1995, p. 21-24) –, e a sua emergência à escala global como “sítios de desejo” que as indústrias globais do sexo e do turismo têm transformado em “economias do prazer” (MANDERSON; JOLLY, 1997). Embora a geografia dessas expressões de exotismo tenda a circunscrever-se a regiões da periferia mundial, importa questionar a perspectiva de autores como Bem (2003) e Piscitelli (2005), que, de certa forma, deixam no ar a ideia de que a produção de imagens sexuais recai inevitavelmente sobre as mulheres dos países pobres. Como se as desigualdades económicas, por si só, constituíssem factor de sexualização; como se o Norte desenvolvido estivesse completamente livre de imagens equivalentes. Entre muitos outros casos, basta considerarmos a utilização da sexualidade como elemento central da identidade e da promoção turística de Amesterdão para perceber que não é bem assim. Ou da Grécia, outro destino turístico onde a promessa de prazer sexual, sobretudo gay, está presente de modo explícito, motivando a viagem de muitos (disponível em: <www.windmillstravel.com/greece-gay-travel.php>)⁶.

As concepções que dão forma às identidades sexualizadas dos trópicos, construídas no quadro da história colonial e pós-colonial, foram extravasando os circuitos geográficos históricos, existentes entre ex-colónias e ex-metrópoles, e ganharam uma expressão verdadeiramente global na segunda metade do século passado, com a crescente transnacionalização das indústrias culturais, a mercadorização da cultura e o desenvolvimento tecnológico dos dispositivos de informação e comunicação. Se a isso somarmos, no caso do Brasil, certamente como em muitos outros, a preocupação do próprio Estado

⁵ A obra *Orientalismo* (SAID, 2004), que em algumas edições surge com um subtítulo revelador – *O Oriente como invenção do Ocidente* –, é das primeiras reflexões críticas a evidenciar como a Europa, sobretudo através da sua literatura, tem produzido imagens de exotismo sobre outras geografias que não passam de meras projecções idealizantes. O tropicalismo, que envolve muitas das representações do Brasil e de outros contextos do antigo sistema imperial europeu, é uma construção ideológica bastante equivalente, revelando de igual forma um nítido eurocentrismo como perspectiva de conhecimento (QUIJANO, 2005). Podemos retirar um exemplo concreto dessas manifestações neocoloniais (ou de imperialismo cultural) do trabalho de Manderson (1997), que mostra como a Tailândia tem sido fantasiada eroticamente pela indústria cinematográfica ocidental, dando origem a uma certa formatação da sua identidade e à promoção da sua imagem turística como destino sexual. A desconstrução do orientalismo, do tropicalismo e de configurações simbólicas similares implicará práticas emancipatórias (SOUSA SANTOS, 2003) de descolonização epistemológica, fundadas naquilo que Mignolo (2000) designa por “pensamento de fronteira”.

⁶ Como escreveu Taplin (1990, p. 113), há já mais de duas décadas, “algumas pessoas [turistas] podem vaguear pelos lugares arqueológicos, mas muitas preferem, evidentemente, uma visita à vida sexual da Grécia antiga. [...] Ajudado pelo sol e pelo mar, pelo vinho e pela dança, o sexo não terá limites nem problemas – embora no aeroporto os avisos previnam contra a sida”.

em “[...] vender a imagem do tropical exótico e da nação mestiça – para fins de turismo e solidificação da identidade nacional” (MACHADO, 2009, p. 211), temos o essencial das condições que propiciaram a internacionalização da brasilidade como sensualidade⁷. Nesse processo, alguns dos principais elementos iconográficos mobilizados para formar o discurso identitário do Brasil são: a mulata, a praia e o samba⁸. A essa trilogia podemos ainda juntar o Carnaval, como uma espécie de síntese do que é ser brasileiro e expressão máxima do mundo como excesso de prazer(es) (DAMATTA, 1984, 1997; PARKER, 1991).

De forma recorrente, essas expressões de identidade foram utilizadas para situar simbolicamente o Brasil no plano internacional. O contexto do turismo é um exemplo paradigmático. Sob uma linguagem comercial, a mulata, a praia, o samba e o Carnaval foram os principais elementos utilizados para compor e promover uma imagem sexualizada do país no mercado turístico externo. Até a década de 1990, a sua presença era constante nas campanhas publicitárias realizadas pela entidade federal que tutela o sector, a Empresa Brasileira de Turismo/Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur). Como conclui Alfonso (2006, p. 121), “por muitos anos, a Embratur e o restante do mercado turístico apropriaram-se da imagem da mulher brasileira como sensual, carinhosa, morena, entre outros atributos e epítetos, para fins de divulgação no material publicitário”. De igual forma, Bignami (2002, p. 115) aborda a presença regular de “[...] fotos de bumbuns arrebitados, garotas usando tangas ou biquínis 'asa delta'” nos folhetos utilizados pela Embratur para atrair os turistas estrangeiros. Só mais recentemente, devido à emergência de estereótipos estigmatizantes associados à mulher brasileira e aos pânicos morais suscitados pelo chamado turismo sexual, as imagens femininas de um Brasil sensual foram abolidas da simbologia da promoção turística. Sem elas, o cenário esvaziou-se de uma boa parte da sua carga erótica e de género, embora continuem lá muitos dos elementos que sustentam o imaginário do exotismo

⁷ Os discursos dos europeus em Ponta Negra mostram claramente essa imagem do Brasil, expressando-a quase sempre através de uma metáfora térmica na qual o *calor*, o *quente*, além de designarem condições climáticas locais, qualificam o que para eles é a sexualidade brasileira.

⁸ Esses elementos são permanentemente evocados na produção cultural brasileira, sobretudo naquele que é um dos seus produtos mais exportados, em especial para Portugal: a telenovela. Por exemplo, a figura da mulata com uma intensa carga sensual e sexual é bastante recorrente, nomeadamente nas telenovelas que resultam da adaptação de romances do escritor nordestino Jorge Amado, como é o caso de *Gabriela, cravo e canela*, escrito em 1958 e adaptado várias vezes para televisão. *Gabriela* foi a primeira telenovela a ser difundida na televisão portuguesa, em 1977, e a que mais sucesso logrou, assumindo mesmo um papel importante no enraizamento da imagem da mulata como elemento central das construções de alteridade projectadas sobre o Brasil enquanto geografia fundamental da ideologia lusófona (VALE DE ALMEIDA, 2000, p. 2-3), na qual, obviamente, o erotismo assume um lugar de destaque.

brasileiro (v.g. as praias, as palmeiras, o samba e o Carnaval). Todavia, não foi possível começar tudo de novo e reinventar um outro Brasil turístico. As imagens das *gostasas* mestiças já estavam formadas e em circulação como suposta insígnia da identidade nacional (FILHO, 1998), mesmo antes da criação da Embratur, em 1966. Elas já estavam a ser incorporadas na semiótica do turismo e a organizar o olhar do turista (URRY, 1991).

A apropriação externa das representações que o Brasil difunde sobre si próprio acaba por gerar imaginários fortemente polarizados e ambivalentes (DAMATTA, 1996; BIGNAMI, 2002), daí resultando novos sentidos do que é ser brasileiro. Referindo-se em concreto aos fluxos globais de representações corporais femininas, Piscitelli (2007a) assinala que as imagens da brasilidade no exterior não convergem, inevitavelmente, com as que existem no Brasil e que, em muitos casos, foram mobilizadas na promoção internacional do país. Nessas últimas, tende a destacar-se uma erotização cromática dos corpos, sendo a feminilidade associada à cor da pele que melhor reflecte o *mito das três raças*⁹ enquanto ideologia de fundação da nação. A relevância erótica da cor parece dissipar-se nas imagens construídas sobre as mulheres brasileiras fora do Brasil, em particular nos contextos de acolhimento migratório: “No âmbito transnacional, elas tendem a ser erotizadas por meio de uma construção de nacionalidade atravessada por gênero que é racializada e sexualizada, mas não necessariamente associada às 'cores' de pele escura” (PISCITELLI, 2007a, p. 18). Quer isto dizer que a nacionalidade se impõe aqui como uma categoria que comporta uma equivalência simbólica estreita entre ser-se brasileira, mestiça e sensual, tendencialmente independente das características fenotípicas de mulheres em concreto.

Debatendo as representações mediáticas em Portugal sobre as mulheres brasileiras, Pontes (2004) destaca a existência de processos de essencialização identitária do Brasil, nos quais se mobilizam imagens etnicizadas que compactam categorias sociais como a nacionalidade, o gênero e a *raça*, conferindo-lhes, simultaneamente, um intenso conteúdo exótico e erótico. Constatações semelhantes acerca da representação social da brasilidade são apuradas em vários outros trabalhos realizados em países europeus que acolhem significativos

⁹ No Brasil, o *mito das três raças* constitui uma narrativa hegemónica que explica a formação do país e a sua especificidade cultural invocando um processo bio-social de triangulação étnica, por via do qual ter-se-á concretizado a mestiçagem das “raças” indígena, branca (os portugueses) e negra (as populações africanas escravizadas) (DAMATTA, 1983). Ao apresentar a nação como uma amálgama tri-genealógica em relativo equilíbrio, esse mito cumpre a função ideológica de suavizar as atrocidades coloniais e de legitimar culturalmente as profundas assimetrias existentes na sociedade brasileira. Representa, assim, uma expressão do “racismo à brasileira” (DAMATTA, 1983, p. 63).

fluxos migratórios femininos provenientes do Brasil, como é o caso de praticamente todos os que se situam na região do Mediterrâneo (PISCITELLI, 2007a, 2007b, 2008; ROCA, 2007; RIBEIRO *et al.* 2007; MACHADO, 2009; RAPOSO; TOGNI, 2009). Os resultados dos processos de exotização presentes nesses contextos são arranjos simbólicos em que a nacionalidade brasileira, a feminilidade e a morenidade (mais ideológica que fenotípica) surgem como as três faces indissociáveis de um estereótipo intensamente sexualizado. Compreender-se-á, assim, o intenso e exótico imaginário que a mulher brasileira suscita na Europa e que, em concreto, se traduz na elevada valorização da sua sensualidade, simpatia, alegria e afectuosidade no âmbito da prostituição, do mercado matrimonial, de determinados sectores laborais e da procura masculina do Brasil como destino turístico.

Na actualidade, a internet parece estar a assumir-se como o contexto privilegiado para se expor e aceder aos discursos e às imagens do (e sobre o) mundo. O seu papel é bem evidente na (re)produção e circulação de imagens estereotipadas do Brasil de que atrás se falava. Na esfera específica dos estereótipos que articulam a nacionalidade e a sexualidade, a sua relevância é de tal ordem que Piscitelli (2005) identifica o *cyberespaço* como o principal contexto de sexualização turística do Brasil e de ordenamento de paisagens sexuais internacionais. Atendendo ao seu efeito amplificador, admite mesmo que as imagens sobre as mulheres da América do Sul difundidas no espaço virtual poderão estar a desempenhar um papel relevante na alteração de circuitos turísticos internacionais e na crescente inserção do nordeste brasileiro na geografia dos destinos com forte conotação sexual.

As imagens do Brasil como uma geografia exótica e *quente* geralmente encontram eco e convergência nas representações das próprias mulheres brasileiras, que, assim, vão compondo uma identidade performativa (BUTLER, 2008). Essa tentativa de adequação as imagens e expectativas hegemónicas que sobre elas recaem faz lembrar o “jogo da centralidade” e a constante procura de representação da “identidade-para-o-mercado brasileira” de que fala Machado (2009, p. 78-87), a propósito da imigração brasileira no Porto (Portugal). No jogo, quanto mais alinhadas as suas performances identitárias com o núcleo central das construções essencializadas em torno do que é ser brasileiro (*v.g.*, hipersexualidade, mestiçagem), certamente mais genuína os outros e elas próprias consideram a sua identidade. Nesse processo, procuram ainda apropriar-se de elementos discursivos dos europeus sobre os respectivos países, nomeadamente de aspectos que remetem para as relações de género e sexualidade, de forma a melhor vincarem a sua brasilidade. É bastante comum

em Ponta Negra, por exemplo, as mulheres locais produzirem narrativas que são autênticos plágios ideológicos do que ouvem aos turistas europeus. Tal como estes, por exemplo, recorrem constantemente à dicotomia quente-frio para estabelecer uma oposição genérica entre o Brasil e a Europa e, mais em concreto, para diferenciar a sua alegada personalidade afectuosa e sexualidade ferosa face ao que julgam ser a frieza relacional e sexual da mulher europeia.

Considerações finais

A construção da brasilidade como sensualidade tem manifestas raízes históricas que remontam aos primórdios da colonização portuguesa desse país latino-americano. Ao longo do texto, procurámos dar conta dessas raízes e do seu trajecto histórico, mobilizando para isso os inúmeros contributos que os estudos sobre sexualidade e mestiçagem têm proporcionado para a compreensão densa desse processo e suas dinâmicas. Mas não só, atendendo à sua relevância, recorreremos também à literatura (e afluíremos a música). Pelos romances e pela música, os leitores e ouvintes acedem também a um olhar literário e musical, certamente ainda mais sedutor e estimulante, da mulher e da sexualidade brasileiras. Não menos real, ainda que em um outro sentido, escritores e compositores dão-lhes espessura poética, contribuindo a seu modo para a produção de um imaginário de sensualidade e erotismo que muito seduz os homens do outro lado do Atlântico.

A actual projecção global do Brasil como geografia desejada está largamente dependente das inovações tecnológicas das últimas décadas, designadamente no campo das comunicações, com destaque para a internet. Esta, mais o audiovisual e as viagens aéreas, a preço cada vez mais acessível, têm facilitado a circulação de imagens, comunicações e contactos físicos entre homens europeus e mulheres brasileiras, que contribuem para alimentar/amplificar discursos e práticas de sexualização da identidade brasileira. Trata-se, evidentemente, de um complexo jogo social, no qual diferentes actores e o próprio Estado (e suas instâncias) procuram organizar ideologias e políticas de sexualidade e de identidade, inevitavelmente sujeitas à acção da história, logo da mudança, não obstante, como vimos, a força da essencialização de alguns dos seus aspectos mais marcantes.

Em suma, da colonização e da *terra dos vícios*, como viram o Brasil os primeiros colonizadores, ao país sensual, cujas expressões mais sensíveis são a mulata, a praia, o samba e o Carnaval, encontramos cinco séculos de políticas de identidade, de discursos e práticas dominadas, de forma recorrente, por

construções essencializadas do ser brasileiro. Construções assumidas e exprimidas nas práticas sociais pelos próprios e pelos forâneos, nas quais a mestiçagem, a sensualidade e a sexualidade intensa – sempre tingidas por tensões e conflitos – se assumem como marcas distintivas da sociedade brasileira e, em especial, do Brasil como geografia turística desejada.

Referências

- ALENCAR, José. *Iracema*: lenda do Ceará. São Paulo: Ática, 1997.
- ALFONSO, Louise. *Embratur*: formadora de imagens da nação brasileira. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Unicamp, Campinas, 2006.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.
- BEM, Arim. Globalização, Estado e gênero: um olhar crítico sobre o desenvolvimento do turismo no Nordeste. *Cadernos de Turismo*, v. 1, p. 3-24, 2003.
- BIGNAMI, Rosana. *A imagem do Brasil no turismo*. São Paulo: Aleph, 2002.
- BISHOP, Ryan; ROBINSON, Lillian. *Night market*: sexual cultures and the Thai economic miracle. Nova Iorque: Routledge, 1998.
- BHABHA, Homi. *The location of culture*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1994.
- BOMFIM, Manoel. *América Latina*: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. *Cadernos Pagu*, n. 6-7, p. 35-50, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *Torre de Babel*: ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando*: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1983.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- EDWARDS, Justin. *Exotic journeys*: exploring the erotics of US travel literature, 1840-1930. Hanover; Londres: University Press of New England, 2001.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FILHO, Antônio. *Fulô, ritas, gabrielas, gringólogas e garotas de programa*: falas, práticas, textos e imagens em torno de negras e mestiças, que apontam para a construção da identidade nacional, a partir da sensualidade atribuída à mulher brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

GIRALDI, Alice. Sexo do lado de baixo do Equador. *UNESPCiência*, p. 26-31, maio 2010.

HOORNAERT, Eduardo. A questão do corpo nos documentos da primeira evangelização. In: MARCILIO, Maria Luiza (Org.). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 11-28.

KEMPADOO, Kamala. *Sexing the Caribbean: gender, race, and sexual labor*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

LECLERC, Gérard. *Crítica da Antropologia: ensaio acerca da História do africanismo*. Lisboa: Estampa, 1973.

MACHADO, Igor. *Cárcere público: processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisboa: ICS, 2009.

MANDERSON, Leonore; JOLLY, Margaret (Org.). *Sites of desire/economies of pleasure: sexualities in Asia and the Pacific*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

MANDERSON, Leonore. Parables of imperialism and fantasies of the exotic: western representations of Thailand – place and sex. In: MANDERSON, Leonore; JOLLY, Margaret (Org.). *Sites of desire/economies of pleasure: sexualities in Asia and the Pacific*. Chicago: University of Chicago Press, 1997. p. 123-144.

MARTINS, Ana Cláudia. Não há pecado ao sul do Equador: histórias de amor construindo o Brasil. *Revista Crítica Histórica*, v. 1, p. 171-191, 2010.

MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: race, gender and sexuality in the colonial contest*. Londres: Routledge, 1995.

MIGNOLO, Walter. *Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. New Jersey: Princeton University Press, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do poder*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-278.

PARKER, Richard. *Bodies, pleasures and passions: sexual culture in contemporary Brazil*. Boston: Beacon Press, 1991.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Corporalidades em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 64, p. 17-32, 2007a.

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. *Estudos Feministas*, v. 15, n. 3, p. 717-744, 2007b.

PISCITELLI, Adriana. Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, v. 25, p. 281-326, 2005.

- PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, v. 23, p. 229-256, 2004.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- RAPOSO, Paulo; TOGNI, Paula. *Fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: género e imigração*. Lisboa: ACIDI, 2009.
- RIBEIRO, Fernando Bessa; SACRAMENTO, Octávio. Imagens, erotismo e culturas *on the road*: perspectivas sobre o Brasil como destino turístico. *Configurações*, n. 5-6, p. 241-255, 2009.
- RIBEIRO, Fernando Bessa; SACRAMENTO, Octávio. Turismo sexual e economia informal no nordeste brasileiro: o caso da praia de Ponta Negra. In: ESPINA BARRIO, Ángel (Org.). *Turismo, cultura y desarrollo*. Salamanca: Ediciones de la Diputación de Salamanca, 2008. p. 343-354.
- RIBEIRO, Fernando Bessa; SACRAMENTO, Octávio. Sexo, amor e interesse entre *gringos e garotas* em Natal. *Cronos*, v. 7, n. 1, p. 161-172, 2006.
- RIBEIRO, Manuela; SILVA, Manuel; SCHOUTEN, Johana; RIBEIRO, Fernando; SACRAMENTO, Octávio. *Vidas na raia*: prostituição feminina em regiões de fronteira. Porto: Afrontamento, 2007.
- ROCA, Jordi. Amores lejanos, amores posibles: la constitución de uniones sentimentales entre hombres españoles y mujeres brasileñas. *31º Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, Brasil, 22 a 26 de Outubro, 2007.
- ROUSSEAU, George; PORTER, Roy. Introduction: approaching enlightenment exoticism. In: ROUSSEAU, George; PORTER, Roy (Org.). *Exoticism in the enlightenment*. Manchester: Manchester University Press, 1990. p. 1-22.
- SAID, Edward. *Orientalismo*. Lisboa: Cotovia, 2004.
- SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- SOUSA FILHO, Alípio. *Brésil: terre de métissages – imaginaire et quotidien dans la société brésilienne*. Sarrebruck: Éditions Universitaires Européennes, 2011.
- SOUSA SANTOS, Boaventura (Org.). *Reinventar a emancipação social: para novos manifestos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- STOLER, Ann. *Race and education of desire: Foucault's history of sexuality and the colonial order of things*. Durham: Duke University Press, 1995.
- TAPLIN, Oliver. *Fogo grego*. Lisboa: Gradiva/RTC, 1990.
- URRY, John. *The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies*. Londres, Sage, 1991.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: NOVAIS, Fernando; SOUZA, Laura (Org.). *História da vida privada no Brasil 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 221-273.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Gabriela®: um ícone denso e tenso na política da raça, gênero e classe em Ilhéus, Bahia*. 2000. Disponível em: <<http://site.miguelvaledaalmeida.net/wp-content/uploads/gabriela.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2011.